

**EXPERIÊNCIAS, INVESTIGAÇÕES E DESEJOS DE UMA ARTISTA-DOCENTE QUE  
QUER SABER: EM QUE O CINEMA PODE SER BOM PARA FRUIR E CRIAR  
BELEZA?**

Ana Carolina de Araújo e Góes  
Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação - UNICAMP  
Mestra em Artes da Cena pelo Instituto de Artes - UNICAMP  
anacaraujo@live.com

**Resumo**

Este texto apresenta as intenções de uma pesquisa que deseja descobrir dispositivos para a educação estética da beleza do território. Situado nos arredores do bairro Vila Bela, em Campinas, e tendo como ponto de partida a EMEFEI Padre Francisco Silva, apresenta-se uma experiência de uma artista-docente que se iniciou em 2017 sobre as relações entre audiovisual e escola e que tornou-se de grande relevância para a sua formação continuada como professora. A etapa atual da atuação da professora e pesquisadora compreende o desejo de investigar relações entre o lugar onde se situa a escola e seus sujeitos sociais, a fim de desenvolver processos artísticos em cinema expandido protagonizados pelos estudantes em conjunto com a pesquisadora e com moradores da região. Como embasamento para o desenvolvimento da pesquisa, a concepção de educação integral que extrapola o espaço-tempo da escola, o estudo de obras artísticas das diferentes linguagens que tratam desta questão do território, e o fazer artístico em obras audiovisuais, a partir das possibilidades que o cinema, a videodança, videoarte e o cinema expandido podem fornecer para a criação de relações entre sujeitos e territórios, guiadas e definidas pela prática dos sujeitos envolvidos nos processos de conhecer e criar.

**Palavras Chave:** cinema na escola; cinema expandido; artista-docente; formação docente; processos criativos

**Introdução**

Não é possível também formação docente indiferente à boniteza e à decência que estar no mundo, com o mundo e com os outros substantivamente exige de nós. Não há prática docente verdadeira que não seja ela mesma um ensaio estético e ético, permita-se-me a repetição. (FREIRE, 2020, p.46)

O que é beleza? No dicionário Michaelis, o significado de belo está naquilo que tem formas ou proporções harmoniosas, segundo um padrão ideal pessoal ou cultural; que provoca sensações agradáveis; que traz deleite e causa admiração; que causa sensações aprazíveis, que se destaca ou se revela; que advém da natureza; que é apreciável; que traz felicidade<sup>1</sup>. Estas poucas palavras poderiam se tornar palavras-chave para a construção de diferentes propostas pedagógicas. Seria possível construir propostas de investigação, intervenção, criação, compartilhamento de experiências, saberes e afetos. Seria possível responder às perguntas: De que forma a beleza pode ser educadora? O que pode-se aprender através dela? Como uma

---

<sup>1</sup>A definição de belo apresentada aqui reflete uma preocupação da pesquisa: não se fará juízo de valor entre o que é belo e o que, em oposição, seria “feio”, termo que não aparece no texto. Compreende-se a complexa relação cultural com o conceito de beleza que é múltiplo, diverso.

educação para o exercício da cidadania pode se beneficiar através do contato com a beleza? É possível a alguém, privado da experiência com a beleza, constituir-se um cidadão?

Paulo Freire, quando assumiu a Secretaria de Educação da cidade de São Paulo em 1989 (permanecendo no cargo até 1991), deparou-se com o sucateamento das escolas. O Poder Público considerando aceitável manter durante um grande período diário as crianças, sujeitos em formação inicial, em espaços deteriorados, reflexo do descaso, da estrutura social a que foram vitimizados. Uma realidade que infelizmente, não foi vista apenas na ocasião, pelo educador, e que tampouco foi superada. O que um espaço como este ensina?

"como cobrar das crianças um mínimo de respeito às carteiras escolares, às mesas, às paredes, se o Poder Público revela absoluta desconsideração à coisa pública? É incrível que não imaginemos a significação do 'discurso' formador que faz uma escola respeitada em seu espaço. A eloquência do discurso 'pronunciado' na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam. Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço." (FREIRE, 2020, p.45)

E se, em contrapartida, fosse desenvolvido um trabalho docente em um lugar bonito, uma escola bonita, em um lugar chamado Vila Bela? A beleza poderia vir a ser um dispositivo pedagógico?

## **Desenvolvimento**

Na cidade de Campinas - interior de São Paulo - existe um lugar chamado Vila Bela. Ou Vila Castelo Branco, como insistem os registros oficiais, ignorando o nome escolhido pelas pessoas que lá habitam.<sup>2</sup> O bairro foi fundado em 1967, como o segundo projeto de moradias populares do governo militar em Campinas, e por isso a razão do nome oficial. A ocupação deste território ocorreu através do despejo de famílias negras em sua maioria, que viviam em cortiços, e que num processo de higienismo das regiões centrais de Campinas, foram levadas para lá, sem infraestrutura adequada, equipamentos públicos, etc. Foram muitos anos de luta para conquistar do Poder Público a efetivação de direitos básicos, como escolas, postos de saúde e segurança. Ainda hoje, a região, situada na Região Noroeste da cidade, aponta suas necessidades através de diversos índices que atestam sua elevada vulnerabilidade social em relação a outras regiões da cidade<sup>3</sup>. Entretanto, a Vila Bela não abrange apenas as carências socioeconômicas ou a violência a que foi submetida sua população, seus ancestrais escravizados e a predominante postura de pouco caso do Estado. Apesar de vítima de uma organização social que é bruta, a Vila é bela, e há muito a se saber sobre ela.

---

<sup>2</sup> A fim de respeitar e dialogar com os sentimentos dos moradores do bairro, será utilizado o termo Vila Bela sempre que este texto fizer referência ao bairro Vila Castelo Branco.

<sup>3</sup> A título de informação, de acordo com publicação do Observatório da PUC-Campinas (CAMARGO; LIMA; OLIVEIRA; PLÁCIDO, 2020), as regiões Sudoestes e Noroeste de Campinas apresentam as maiores concentrações de índice de vulnerabilidade social.

Neste bairro situa-se a EMEFEI <sup>4</sup>Padre Francisco Silva, escola de educação integral que oferece os anos iniciais do ensino fundamental para crianças de diferentes bairros da Região Noroeste, não apenas de seus arredores, mas incluindo também o atendimento a crianças moradoras da região do Campo Grande. A EMEFEI Padre Francisco Silva é uma escola muito bonita. Em contraste com a realidade de muitas escolas públicas, que tem prédios e espaços deteriorados, a (escola) Padre Silva tem muita beleza. É arborizada, com muitas espécies de árvores que se expandem para todos os lados, dando morada a muitas formas de vida, sombra e caminhos para quem gosta de nelas escalar. Em seus jardins habitam formigas, lagartas, borboletas, besouros, joaninhas, não é difícil encontrar... isso aos que têm olhos abertos para essas coisas. Tem aves, que cantam, moram e caçam. E os gatos passando por cima dos muros, indo e vindo da cidade dos gatos. A natureza lá tem espaço para dar suas cores, sons, texturas, temperatura. Lá tem chão de terra, de grama, de areia... Eu conheci esta escola em 2017, quando cheguei para atuar como professora de arte nesta escola bonita na Vila Bela.

Entre os anos de 2017 a 2019, desenvolvi, na escola, juntamente com as crianças para quem lecionava, uma pesquisa de mestrado que resultou na dissertação “Videodança na escola: processos de criação entre crianças e uma artista-docente no ensino fundamental 1”, na qual desenvolvemos, professora-pesquisadora e estudantes de quintos anos, processos criativos em videodança. Nesta pesquisa, as crianças e eu nos dedicamos a investigar, através das imagens produzidas pelas câmeras de seus *smartphones*, experiências coletivas de criação e transformação dos corpos em movimento, dos tempos e dos espaços da escola, este lugar em que passamos muitas horas diárias, tornando-se parte do onde nossa vida acontece.

Nesta experiência fomos convidados e motivados a ocupar a escola com nossos corpos de modo que, ao mesmo tempo em que éramos afetados pelo espaço, compondo com ele, configurando-nos nos gestos, posturas, fazendo silêncio para sentir todo o entorno, também transbordávamos por ele, nos espalhando pela escola, subindo por ela, entrando em suas frestas, revendo comportamentos corporais cotidianos esperados para os lugares e suas funções predeterminadas. Tanto transbordamos que vazamos, fazendo emergir a necessidade de avançar para fora da escola e continuar lá sua criação, a produção dos vídeos. Percorremos algumas ruas da Vila Bela para chegarmos à Praça dos Trabalhadores, local apropriado para satisfazermos as necessidades que, naquele momento, apresentavam-se aos nossos processos. Foram dias de ir à praça, brincar, dançar e filmar. E as possibilidades que estas relações criativas me apresentaram como professora foram profundas de tal maneira que continuam ressoando nas reflexões que atravessaram a pesquisa e seguem pulsando no meu corpo e impulsionando outros movimentos.

Compreendo que a proposta pedagógica experimentada a partir das relações entre corpos, espaços, tempos e câmeras tornou-se, desde 2017, um dispositivo muito presente na construção de um trabalho enquanto artista-docente essencialmente investigativo. Para caber neste texto, trago quatro imagens sobre as relações com as linguagens do audiovisual em minha atuação como professora de arte para crianças no contexto vivido nesta escola:

---

<sup>4</sup> Escola Municipal de Ensino Fundamental em Educação Integral

1. A câmera é lupa: A câmera tem sido ferramenta para descobrir que o mundo tem ainda tanta coisa que não foi vista. Se eu, professora, ou um estudante, ou ambos, em coletivo, nos propomos a filmar de um ângulo diferente, através de uma proposição, provocação, ou um dispositivo cinematográfico, como definido nos cadernos do Inventar com a Diferença (MIGLIORIN, 2014), há grande chance de encontrarmos novidade no mundo que não é visível ao olho nu;
2. O Filme é fresta: Filmes podem desfazer bordas para um mundo onde o impossível acontece, alargando os limites do movimento humano, multiplicando o tempo, diminuindo distâncias e contando histórias proibidas de serem contadas;
3. Mundos são palcos: Produzir filmes eleva ao status de palco, de espaço cênico, apreciável, apazível, belo, interessante, peculiar, novo, lugares do mundo nunca vistos assim ou ocupados assim;
4. Obras são lições de reinvenção: assistir filmes nos move a reinventar as coisas como estão. Dão ideias para outros filmes ou comportamentos em um local, nos dizem sobre nós e sugerem possibilidades de composição entre os movimentos dos corpos que existem. As obras artísticas nos revelam processos pedagógicos ou processos artístico-pedagógicos.

Depois de sete anos neste percurso pedagógico e estético, de encantamento com imagens e invenções, depois de um período longe da escola (em decorrência da pandemia de COVID-19) renovo a parceria com o cinema para chegar no ponto em que me encontro na pesquisa que me move atualmente.

O cinema, como as demais linguagens artísticas, é uma das diversas formas de ver e inventar o mundo. Documenta e transforma o mundo, apresentando não o mundo real, mas o mundo selecionado para ser apresentado como real, inventado para ser real, destacado. Quando se assiste um filme sobre um lugar, a atenção que se tem sobre ele depois é diferente. Quando se faz um filme sobre um lugar, é necessário olhar atentamente, como se através de uma lupa, para conhecer aquele espaço. Isto afeta o criador e o experimentador.

Quando falamos de cinema, falamos assim de uma maneira de conhecer o que nos cerca, de trazermos as questões que nos afetam para a sala de aula, mas, ao mesmo tempo, falamos da responsabilidade de inventar e criar com aquilo que nos cerca, de forma representacional e afetiva. (...) O cinema é documento e desejo, percepção e crítica, história e imaginação, reprodução e invenção. (MIGLIORIN, 2015, p.186)

O cinema possibilita relações únicas com o que está sendo filmado. Possibilita o detalhe para os poros da pele, para a textura de um muro, para um tempo dilatado, acelerado ou invertido. Capta o movimento dos sujeitos que se movem, os corpos animados ou inanimados, é capaz de perceber ou produzir fluxo até nas coisas mais duras. Possibilita ao espectador o ato de passear por um lugar onde não está, através das diversas locações, dos movimentos de câmera, que às vezes põe-se enquanto olho no céu, para mirar o chão. Quais são os sentidos daquilo que se filma?

Das reflexões e experimentações em torno da concepção do ato de exibir um filme, o cinema saltou de dentro da sua própria tela, avançando para o que hoje se entende como cinema expandido, termo atribuído originalmente por Stan VanDerBeek em manifesto escrito em 1965, e depois reafirmado por diferentes artistas do audiovisual. No cinema expandido não há obrigatoriedade de exibir, em uma sala escura, uma tela diante da qual os espectadores apenas se sentam e calam seus corpos. Ele tem um caráter que propõe participação, escolha e interação ao experimentador. Em diversas telas, associado a outras linguagens artísticas ou em um contexto espacial diferenciado, a experiência torna-se mais ampla.

O cinema expandido está relacionado ao ato de fruir de obras através de uma outra relação corporal, proposta por condições arquitetônicas pensadas na relação direta entre imagem, som e lugar, que determinam aspectos expressivos da obra e assim convidam o público a diferentes formas de ocupação espacial.

Quando as imagens são levadas para o lugar de exposição,

O corpo e o olhar do espectador-fruidor transitam livremente e participam da exploração investigativa de descoberta das imagens e de como elas lhe são oferecidas, permitindo escolhas que irão determinar experiências cognitivas distintas. As imagens projetadas no espaço expositivo ‘fazem com que a atenção do espectador se volte da ilusão da tela para o espaço ao redor e para os mecanismos físicos e as propriedades da imagem em movimento’, observa Chrissie Iles (CRUZ, 2013)

O cinema expandido agrega ao filme elementos que não são parte do filme. Texturas de superfícies e objetos, sombras de espectadores, sons que não os da reprodução. Transforma o lugar onde ocorre porque é produzido para o lugar. Dialoga com o movimento do acontecimento, transformando-se em uma arte dotada de efemeridade. Chega, se instala, acontece e vai. Deixa marcas no território? Leva os rastros de quem passou por ele e borrou suas imagens? O cinema expandido, ali na relação da escola, chega para inventar espaços de compartilhamento e invenção coletiva (MIGLIORIN, 2015). O que se sente neste lugar, sobre este lugar, antes de uma exibição, durante e depois? É desejo vivenciar tal prática.

Atuando em um lugar que se chama Vila Bela, e tendo vivido experiências que me levam a dizer que o cinema pode ser bom para tudo, como o cinema expandido pode ser bom para experimentar, constatar, produzir e compartilhar beleza no lugar em que se vive? De quais formas a beleza do território por onde as crianças passam, vivem, se relacionam, é educadora: a escola, as ruas, suas casas, os espaços de convivência, os postos de trabalho, a postura da gestão pública na relação com o lugar. Os meus dispositivos enquanto artista-docente investigadora me movem ao desenvolvimento de processos criativos em cinema expandido para a fruição da beleza, desta dimensão do lugar, a Vila Bela.

## **Conclusões**

O propósito desta atuação investigativa está em pensar a educação ética e estética da comunidade que vive no território da Vila Bela e arredores e estudam na EMEFEI Padre Francisco Silva, especialmente as crianças, mas também, a da professora, não habitante mas frequentadora assídua do lugar. Percebe-se a emergência, não apenas enquanto potência ou desejo, mas também como necessidade, da expansão da experiência de conhecer para além dos muros da escola.

A educação integral da cidade de Campinas compreende que diferentes espaços e tempos do cotidiano escolar são igualmente educativos. Assim sendo, práticas de educação integral poderiam ocorrer em outros espaços do viver. Segundo Arroyo “o ser do corpo, o ser corpóreo está irremediavelmente atrelado ao ser espacial, ao ser temporal, ao sermos humanos. Vida-corpo-espaço-tempo são inseparáveis enquanto direitos básicos humanos.” (2012, p.40)

Neste lugar, constitui-se como elemento mobilizador a construção de saberes traçados a partir das experiências do corpo na relação com o território, constituído como sua realidade vivida, sentida, imaginada. O corpo se forma, se transforma e deforma na relação com o espaço em que vive, e tem possibilidade de provocar o mesmo efeito nele. O cinema (os cinemas, as imagens) tem participado de experiências de pedagogia da arte descobridoras de novos modos de ver o mundo e neste momento, a descoberta da beleza se configura como o novo dispositivo, que possa correlacionar as possibilidades de aprender com as possibilidades de viver e de vivenciar alegria.

### **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, K. C. **Entre-territórios: A dança como catalisadora de diferentes noções de composição**. Rio de Janeiro: Pod, 2020.

ARAÚJO, A. C. **Videodança na escola: processos de criação entre crianças e uma artista-docente no ensino fundamental 1**. 2019. 1 recurso online (160 p) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP.

ARROYO, Miguel Gonzales. **O direito ao tempo de escola**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 65, p. 3-10, maio 1988.

\_\_\_\_\_. O direito a tempos-espaços de um justo e digno viver. In: MOLL, Jaqueline (Org.). **Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 33-45.

\_\_\_\_\_. O direito à formação humana como referente da avaliação. In: DE SORDI, M.R.L.; VARANI, A.; MENDES, G. S. C. V. (Orgs). **Qualidade(s) da escola pública: reinventando a avaliação como resistência** – Uberlândia: Navegando, 2017.

CAMARGO, D. M.; LIMA, F. P.; OLIVEIRA, J. S.; PLACIDO, V. L. S. **Vulnerabilidade socioterritorial na Região Noroeste de Campinas, SP:**

considerações. 2020. Disponível em :

<https://observatorio.puc-campinas.edu.br/vulnerabilidade-socioterritorial-na-regiao-noroeste-d-e-campinas-sp-consideracoes/>, acesso em 11/09/2021.

CRUZ, R. M. S. **Experiências pioneiras em cinema expandido.** Z Cultural - Revista do programa avançado de Cultura Contemporânea. Ano VIII. Vol 1, 2013

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GERALDI, Silvia Maria; LAMBERT, Marisa Martins; COSTAS, Ana Maria Rodriguez. **Óscar e nós: há alguma teoria que não implique uma prática?.** Campinas: Unicamp. Unicamp; Professoras Doutoras (RDIDP). Artistas da dança – direção, criação, interpretação

**MICHAELIS** moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos.

Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>, acesso em 12/09/2021

MIGLIORIN, C. **Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos.** Niterói: Editora da UFF, 2014.

\_\_\_\_\_. **Inevitavelmente Cinema: Educação, política e mafuá.** 1ªed. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015.

SILVA, N. A. (org). **Nosso bairro tem história.** Campinas, SP: Editora Komedi, 2012.